



[FERNANDO MARQUES PENTEADO]

É artista visual. Realiza trabalhos seriados, instalações e projetos educacionais. Mestre em Artes Visuais/Têxteis pelo Goldsmiths College em Londres. É um cronista, um curador e um fotógrafo clandestino.

E-mail: marquespenteado.f@gmail.com

Pinturas imantadas

Este texto é um registro da eloquência dos tecidos nos enredos das pinturas dos artistas Paula Rego e Jean-Auguste Dominique Ingres. Não obstante terem vivido distante um século um do outro, eu os vejo irmanados nessa exímia habilidade que têm de conquistar para dentro da bidimensionalidade de suas telas leis diversas da materialidade dos tecidos, vestindo e despindo corpos humanos e ambientes arquitetônicos com uma intensidade magistral. Independentemente de seus estilos e época, ambos são mestres em retirar do mais recôndito sinal têxtil uma impressionante força argumentativa e colocá-la dentro das narrativas que suas obras comportam. Esses sinais têxteis, uma delicada renda, o adamascado em uma estampa do estofado, um arremate de costura, um drapejado de um veludo, são agora agentes na linha de frente do diálogo e não mais acessório sem vínculo ou ornamentação por conveniência.

Invertendo a precedência cronológica, apresento-lhes primeiro uma coleta de pensamentos críticos e comento as duas imagens aqui impressas da artista contemporânea portuguesa, estabelecida em Londres, Paula Rego. Nascida em Lisboa em 1935, já sob o regime de Salazar, a pujança dos conteúdos em suas pinturas, geralmente telas de grande escala, a impregnou de inúmeras possíveis reflexões. Segundo Sarah Kent, com esse gênero artístico Paula "usurpa um gênero moribundo e "masculino" – o da pintura de feitos históricos – e ao aparelhar-se de sua pomposidade e autocontemplação reinscreve a história de um ponto de vista feminino"¹. Devo ressaltar que a artista atravessou outras técnicas, como a gravura, com igual maestria técnica e temática interrogativa.

As imagens que ilustram esta coluna são as obras *The maids* (*As criadas*) de 1987 e *Untitled n. 3* (*Sem título n. 3*) de 1998. Em *The maids* reverberam ambiguidades e ameaças claustrofóbicas. O jogo entre as criadas e as patroas exhibe aquele que será um padrão recorrente na obra de Paula Rego por entre quase todas as suas séries de trabalho: moças como protagonistas principais em dramas vincados pelas mãos fortes das relações familiares. O quadro, em um cenário reconhecidamente português, não deixa claro se a atitude das serventes é imbuída de proteção ou eminentemente tirana: as mãos que servem posam serenas nos pescoços, prontas

a eventualmente destroçá-los. Em *The maids*, Paula avança na história da peça de mesmo nome de Jean Genet (1947), baseada na história real das irmãs Papin, Christine e Léa, que, sem uma causa aparente, matam brutalmente a mãe e a filha da casa que serviam. Onze anos depois *Untitled n. 3* é uma obra que integra um conjunto de trabalhos sobre a condição do aborto em Portugal – clandestino, reprimido e não sancionado. Vale lembrar que Paula havia apresentado uma série de pinturas ligadas à sua interpretação da obra de Eça de Queirós, *O crime do Padre Amaro* (1987). Tal qual Eça de Queirós, Paula estava interessada em crimes sociais que põem foco nas forças e nas vulnerabilidades da família que a sociedade acaba por promover. No final do século XX, Paula forja uma série de desenhos, gravuras e pinturas que mostram as soluções privadas e caseiras a que essas mulheres se submetem até hoje para traçar um destino que lhes escapa para o corpo e ao qual são solitariamente chamadas a dar conta.

Ingres "Retrato de Inès Moitessier", 1856, em Fleckner (2007, p. 10).



Paula Rego "The Maids", 1987, em Fiona Bradley (2002, p. 36).

Em contrapartida, voltar o olhar para Jean-Auguste Dominique Ingres é retroceder ao século XIX. Ingres é uma figura artística exaltada como [possível] líder da escola Neoclássica de pintura, mas também pode ser rechaçada como acadêmico. Importante ressaltar que o pintor conta com o apreço de artistas como Pablo Picasso, Paul Cézanne, Henri Matisse, Marcel Duchamp e, mais recentemente, Cindy Sherman, que reconhecem em Ingres uma fonte inspiradora ou fomento para os conteúdos inesperados em seus trabalhos pessoais. No entanto Ingres foi vítima do descrédito dos críticos dos Salões de Paris, redutos que à época pontuavam a qualidade dos artistas.

Oriundo do interior da França, estudou desde os 11 anos com seu pai, ele também um pintor, e aos 17 anos estava em Paris onde frequentou o prestigioso ateliê de Jacques-Louis David. E foi justamente na inspirada subversão ao gênero histórico-mítico, então doutrina acadêmica, que Ingres se destacou. Ele diverge e introduz linhas narrativas aos personagens retratados, apresentando uma interpretação mais sentimental, psicológica, da situação histórica dos "heróis" retratados, fomentando um estilo pessoal que é lido hoje como portador de elementos do *troubadour* (trovador) de pintura, gênero do qual também outros artistas se aproximaram. Ingres teve, por excelência, uma extensa prática como retratista, um gênero que cumpria a necessidade de tornar pública a figura do burguês em ascensão, e foi essa prática que o acompanhou durante os seus 50 anos como educador, dando-lhe a possibilidade de financiar uma pintura mais independente. Acusado de discrepâncias anatômicas e perspectivas distorcidas, essas virtudes, ao contrário, enchem seus quadros de intenso ambiente atmosférico que contamina os personagens retratados.

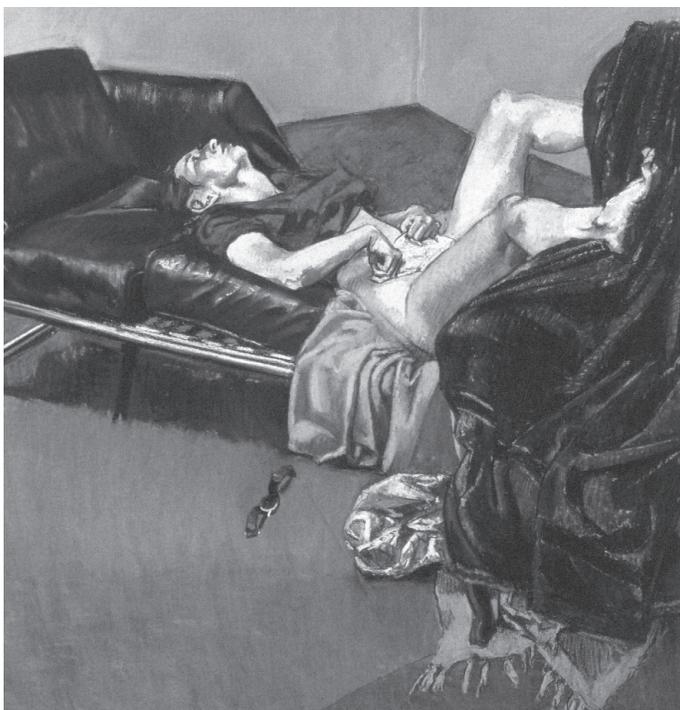
A obra *Retrato de Inès Moitessier* (1856) atesta a busca artística de Ingres, um trabalho que tardou doze anos para ser concluído, tempo que justifica a soberba evocação nele contida dos patrimônios da cultura material europeia de então, com seus tecidos, suas joias, os objetos da casa e uma mulher a exibi-los. Mas enquanto a obra não se finalizava, como atesta a correspondência do período, o autor vivia em

prantos e procurava formas pictóricas para realizar seus conceitos artísticos. *A grande banhista* (1808) acentua o enorme mistério que Ingres equaciona entre tecidos, com suas incrustações, dobras e pregas, e um corpo nu – a composição cristalina do quadro oferece à voz dos tecidos o mesmo timbre e intensidade que têm as palavras mudas que orbitam pelo pensamento dessa banhista prestes a se juntar às águas de seu banho. Essa pose, a de uma mulher nua vista por trás, foi recorrente no trabalho de Ingres. Inúmeras vezes e por décadas ele procurou compreender seus sinais. Ingres acabou por incorporar essa figura em *O banho turco* (1863), um de seus últimos e mais prestigioso trabalho, quadro de formato arredondado retratando um grupo de mulheres em uma sala de banhos pública, pintura na qual as suas já antigas pesquisas das iconografias do mundo oriental se evidenciam e em que suas ambições artísticas encontram um arranjo pictórico genial.

De cada uma dessas histórias resta muito a contar. Coloco-me mais uma vez como um embevecido convicto delas, enquanto os convido a escutar o muito que dizem as roupas que se entevem nas pinturas desses artistas. E desejo que suspirem quando elas estiverem a lhes contar as suas histórias, as suas origens, a lhes revelar suas técnicas e os seus encantamentos. Boa viagem!



Ingres "A Grande Banhista", 1808, em Fleckner (2007, p. 49).



Paula Rego "Untitled no 3", 1998, em Fiona Bradley (2002, p. 92).

[1] KENT, Sarah. Rego's Girls. *Art in America*, jun. 1989, p. 160.

BIBLIOGRAFIA

BRADLEY, Fiona. *Paula Rego*. Reino Unido: Tate, 2002.

ROSENGARTEN, Ruth. *Contrariar, esmagar, amar: a família e o Estado Novo na obra de Paula Rego*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009.

FLECKNER, Uwe. *Masters of french art: Jean-Auguste Dominique Ingres*. Alemanha: Tandem Verlag, 2007.

SAIBA MAIS

Há cerca de dois anos, abriu em Cascais, arredores de Lisboa, um centro de artes que traz em caráter permanente para Portugal uma série grande e expressiva da obra de Paula Rego. Para mais informações, veja: www.casadashistoriaspaularego.com.